

Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição

DÁRIO NEVES
SOFIA SOARES DE FIGUEIREDO

RESUMO: Até muito recentemente, falar de gravuras rupestres no Nordeste de Portugal consistia essencialmente em falar de gravuras da Pré-história recente, fruto de trabalhos maioritariamente amadores, realizados de forma descontinuada ao longo do século XX e inícios do século XXI. Ao longo dos últimos cinco anos, a construção de uma barragem no vale do rio Sabor, permitiu um estudo sistemático e continuado de todas as manifestações rupestres aí presentes. Entre os numerosos sítios descobertos e estudados, um dos mais importantes é o sítio fortificado do Castelinho, de onde se exumou uma imensa coleção de arte móvel, composta por mais de quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro. As placas, de diferentes tamanhos e formas, encontram-se decoradas com temas figurativos, abstratos e geométricos.

PALAVRAS-CHAVE: Placas móveis, Gravuras rupestres, Idade do Ferro, Trás-os-Montes,.

ABSTRACT: Until a very recent date, discussing rock carvings from the Northeast of Portugal was examining rock art from the recent prehistory due to the tradition of investigation in the area, carried out mostly by amateur works, made in a discontinued way throughout the twentieth and early twenty-first century. Over the past five years, the construction of a dam in the Sabor river valley, the main axis of North-South direction in this territory, allowed a systematic archaeological study of all the rock art present in that area. Among the numerous sites discovered and studied, one of the most important is the fortified site of Castelinho, where a huge collection of mobile art was discovered, consisting of more than five hundred engraved plaques from the Iron Age. The plaques of different sizes and shapes are decorated with figurative, abstract and geometric themes.

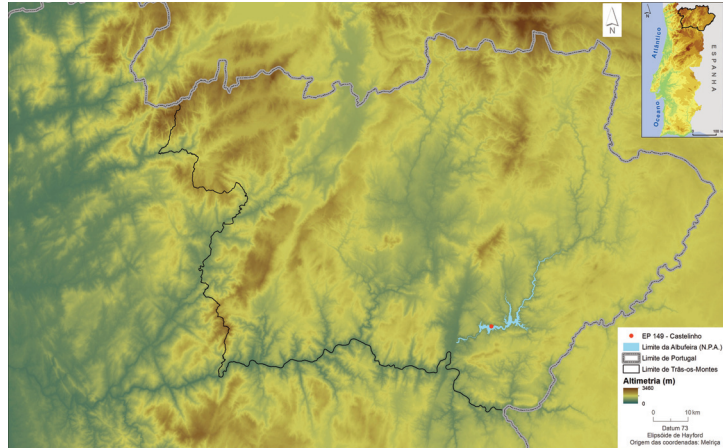
KEYWORDS: mobile plaques, rock engravings, Iron Age, Trás-os-Montes.

Introdução

O sítio arqueológico do Castelinho, localiza-se no Nordeste de Portugal, em Trás-os-Montes Oriental, distrito de Bragança, concelho de Torre

de Moncorvo e freguesia do Felgar (Fig. 1). Corresponde ao que vulgarmente se designa de povoado fortificado ou *Castro*, ou, ainda, a um recinto amuralhado da II Idade do Ferro (Santos e Ladra 2011; Santos *et al.* 2012, 2011).

FIG. 1. Localização do Castelhinho em Trás-os-Montes, Portugal.



Localizado na margem direita do rio Sabor, a sua implantação topográfica, no cimo de um esporão, destaca-se na paisagem que, ao contrário do que acontece em quase todo o percurso do rio Sabor que é bastante encaixado, aqui se abre, dando lugar a um vale amplo e largo (Fig. 2). Assim, e dadas as características da sua localização, do sítio do Castelhinho tem-se uma visibilidade extensa para todo o vale, tanto para montante como para jusante.

Apesar do sítio do Castelhinho ser já conhecido e mencionado na literatura arqueológica (Alves 1934; Lemos 1993), a sua intervenção foi enquadrada pelo Plano de Salvaguarda do Património¹, decorrente da construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Vale do Sabor. Dadas as dimensões do empreendimento, que irá submergir uma área superior a 3.000 hectares, foi necessário intervencionar uma série de sítios de valor patrimonial, de forma a minimizar os seus impactes. Entre os sítios intervencionados, o Castelhinho alcançou um especial destaque face aos achados aí encontrados e aos resultados alcançados na sua intervenção.

De uma forma resumida, e apoiando-nos nas ainda breves publicações sobre o sítio (Santos e Ladra 2011; Santos *et al.* 2012, 2011) e nas informações transmitidas pelos nossos colegas responsáveis pela intervenção, podemos mencionar que se trata de um sítio fortificado, com diversas fases de ocupação, balizadas cronologicamente entre a II Idade do Ferro e a época romana (Fig. 3). Ao longo desta ocupação foram empreendidas diversas alterações ao sítio, desde a abertura de diversos fossos, regularização do terreno, construção de linhas de muralhas, torreões, estruturas de armazenamento, etc.. Não obstante, uma das particularidades mais interessantes deste sítio, e que contribuiu sobremaneira para o seu destaque no âmbito da

¹ O Plano de Salvaguarda do Património (PSP) faz parte da Empreitada Geral do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor promovida pela EDP, Produção, e cuja execução é da responsabilidade do Baixo Sabor, ACE, constituído pelo consórcio ODEBRECHT/Bento Pedrosa Construções S.A. e LENA, Construções. O Plano de Salvaguarda do Património tem a seguinte estrutura de coordenação: Coordenação Geral: Paulo Dordio; Coordenação de Equipas e de Estudos: Filipe Santos (Cilhades), José Sastre (Proto-história), Luís Fontes (Idade Média), Paulo Dordio (Edificado), Rita Gaspar (Pré-história), Sérgio Antunes (Acompanhamento) Sérgio Pereira (Romanização), Sofia Figueiredo (Arte Rupestre), Susana Lainho (Conservação). O Plano de Salvaguarda do Património (PSP) integra a Área do Ambiente, Qualidade e Segurança da Empreitada Geral, área coordenada por Augusta Fernandes.



FIG. 2. Implantação do sítio fortificado do Castelinho no vale do rio Sabor.



FIG. 3. Vista aérea do sítio do Castelinho após a intervenção arqueológica.

arqueologia peninsular, prende-se com a identificação de mais de cinco centenas de suportes móveis em xisto com grafismos rupestres, enquadrados, grosso modo, na II Idade do Ferro. Assim, foi da responsabilidade do estudo de Arte Rupestre do vale do Sabor, sob a coordenação da segunda signatária deste artigo, a identificação em campo e o estudo em gabinete desta coleção excecional, ainda sem paralelos conhecidos.

Os trabalhos de campo no sítio do Castelinho tiveram início em Fevereiro de 2011. Até Novembro de 2013, quando se deu a escavação arqueo-

lógica por terminada, os trabalhos prosseguiram ininterruptamente, ainda que com algumas pequenas pausas, necessárias para o bom desenvolvimento dos trabalhos e a indispensável reavaliação das metodologias adotadas. O ano de 2014 foi reservado para o trabalho de laboratório e para a elaboração dos respetivos relatórios da intervenção. Uma vez que os trabalhos arqueológicos aqui tratados se enquadram na designada arqueologia preventiva e/ou empresarial, facilmente se compreende que o tempo disponível para a compreensão de uma sítio com a complexidade do Castelinho se revelou extremamente restringido. Assim, o trabalho que agora mostramos não pretende ser mais do que uma primeira abordagem às placas gravadas do Castelinho onde, mais do que construir uma narrativa interpretativa extensa sobre a sua arte rupestre, se procura efetuar uma aproximação inicial das principais características que definem esta coleção, apresentando os seus suportes e temas gravados.

Os estudos de arte rupestre da Idade do Ferro

Antes de passarmos à apresentação e ao desenvolvimento de alguns dos principais atributos que caracterizam a coleção de placas gravadas do Castelinho, importa fazer um breve ponto de situação relativamente à evolução dos estudos de arte rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica.

Ao contrário do que acontece para os estudos de arte rupestre paleolítica ou da pré-história recente, as investigações de grafismos rupestres atribuídos à Idade do Ferro não contam com uma grande tradição peninsular. Este facto deve-se aos esquemas estabelecidos na classificação geral da arte rupestre peninsular onde, até muito recentemente, se julgava que os grafismos rupestres desapareciam no final da Idade do Bronze (Royo 2009:38). Como já tivemos oportunidade de expor noutros trabalhos (Coelho *et al.* 2012; Figueiredo *et al.* 2012; Silva e Figueiredo), pensamos que o ato humano de gravar e pintar superfícies rochosas é persistente no tempo, estendendo-se desde o seu início na pré-história antiga até ao momento presente. Esta ideia ganha consistência nas evidências da arte rupestre do vale do Sabor, bem como em trabalhos recentes e noutros notavelmente mais antigos de diversos autores (e.g. Beltrán 1989).

Prosseguindo, são representativas da falta de investigações sobre grafismos rupestres da Idade do Ferro as palavras de Royo Guillén, quando afirma que até finais do século XX, o número de sítios com representações gráficas enquadradas neste período era muito limitado, entre outras fatores, pela sua falta de definição enquanto estilo próprio e pela ausência da sua investigação (Royo 2009:39).

Em Portugal, um dos principais estudos realizados sobre rochas com gravuras da Idade do Ferro foi efectuado notavelmente cedo, no início dos anos oitenta do século passado, pela mão de António Martinho Baptista. Referimo-nos ao conjunto de rochas gravadas do Pocinho, com gravuras filiformes, onde se observam representações claras da Proto-história (Baptista 1983). De facto, este trabalho e a sua importância funcionaram como um prenúncio para a subsequente descoberta do vale do Côa, onde se concentra o maior número de rochas gravadas ao ar livre da Idade do Ferro em Portugal. Infelizmente, as gravuras da Idade do Ferro do vale do Côa

encontram-se ainda numa fase inicial de investigação, sendo que, de acordo com Luís (Luís 2009, 2010), apesar de estarem identificadas mais de trezentas rochas gravadas do período sidérico, apenas oito contam com o registo gráfico completo e sete com um registo gráfico e fotográfico parcial. O número de ocorrências viu-se ainda recentemente aumentado, face aos trabalhos de prospecção desenvolvidos na área que, entre outras, foi pondo a descoberto novas rochas com gravuras rupestres da Idade do Ferro (e.g. Reis 2011, 2012).

Para além do Côa, e ainda em vales fluviais do território Português, assinala-se a presença de gravuras da Idade do Ferro no vale do Tejo (Gomes) e no vale do Guadiana (Baptista). Ainda em outras áreas, como seja Trás-os-Montes, as Beiras ou o Alentejo, registaram-se também gravuras atribuídas a este período (Calado *et al.* 2008; Cunha 1991; Figueiredo 2008).

Em Espanha, os estudos relativos aos grafismos rupestres deste período encontram-se mais desenvolvidos sendo que, de acordo com Royo Guillén (Royo 2009), para além dos já citados grupos do Côa e do Tejo, podemos diferenciar o Grupo Galaico; o Grupo do Rio Guadiana, com especial destaque para Molino Manzanéz; o Grupo das Hurdes e de La Serena; o Grupo da Serra de Guadarrama e a Meseta Central; o Grupo da Altiplano Soriana; o Grupo da bacia central do Ebro; o Grupo do Baixo Aragón/Baixo Ebro; o Grupo pirenaico e prepirenaico; o Grupo da Serra de Albarracín; e, finalmente, o Grupo do Alto Maestrazgo e Serras Mediterrâneas.

Relativamente ao estudo da arte móvel adstrita a este período, o cenário empobrece tornando-se ainda mais tórbido.

Do Leste Peninsular surgem algumas peças interessantes, associadas sobretudo a estelas funerárias (Royo 1994; Royo *et al.* 2006) Mas é no Noroeste Peninsular que encontramos os paralelos mais adequados para o caso que nos ocupa. A título de exemplo podemos mencionar o Castro de Formigueiros, na Galiza, onde foi descoberto um conjunto de seis placas gravadas. De acordo com os responsáveis pelos trabalhos aí desenvolvidos, as placas foram encontradas no seu contexto primário, que se materializava por um pequeno pavimento numa estreita praça rodeada de estruturas habitacionais, bem como num banco (Meijide *et al.* 2009). Do reportório iconográfico aí registado contam-se combinações circulares de diferentes morfologias, peixes e cavalos. Mais perto do vale do Sabor, no sítio Romano do Olival dos Telhões, em Almendra, Vila Nova de Foz Côa, foi encontrada uma laje gravada, bastante fragmentada, com um conjunto de motivos cuja iconografia remete para a Idade do Ferro (Cosme 2008). Esta laje encontrava-se num claro contexto de reutilização, junto de pedras da construção de uma estrutura de época Romana.

Do que atrás foi exposto, depreende-se que os estudos de arte rupestre relativos a momentos proto-históricos, requerem ainda grandes investimentos por parte da arqueologia peninsular, sendo que no caso das peças móveis, este esforço só agora começa a dar os primeiros passos. Para além do Castelinho, e ainda no vale do Sabor, foi por nós conduzido um estudo no arqueossítio de Crestelos, onde a ocupação da Idade do Ferro se divide em duas áreas, uma no cimo de um esporão e outra no seu sopé (Sastre 2014). Tal como no Castelinho, também aqui se exumaram placas grava-

das, ainda que num número inferior, a rondar os cem exemplares (*Figueiredo et al.*). Ainda em Crestelos, na ocupação do cimo do esporão, para além das placas com gravuras rupestres exumadas das escavações arqueológicas aí realizadas, foram ainda detetados cinco afloramentos com gravuras rupestres da Idade do Ferro. Para além destas, na extensão do rio Sabor por nós estudada, foram ainda reportadas e estudadas outras rochas com arte rupestre deste período, sendo um dos exemplos mais paradigmáticos o de vale Figueira (Figueiredo 2011), muito próximo do sítio do Castelinho aqui em foco.

Assim, o trabalho que aqui apresentamos procura por um lado colmatar um certo vazio na investigação dedicada à arte rupestre da Idade do Ferro e, por outro, apresentar uma coleção excecional a nível peninsular que poderá e deverá no futuro, enriquecer o acervo iconográfico conhecido para as populações sidéricas da Península Ibérica.

Metodologias adotadas

O estudo das placas gravadas do sítio do Castelinho foi da responsabilidade do estudo de arte rupestre do vale do Sabor. Neste estudo, cujo início se deu no ano de 2010, apenas se previa a análise de cerca de 40 afloramentos rochosos ao ar livre. Não obstante, com o início dos trabalhos de campo, tanto ao nível das escavações arqueológicas como das prospecções, este número viu-se drasticamente alterado sendo que, atualmente, com a finalização dos trabalhos de campo, o estudo de arte rupestre teve a seu cargo a análise de cerca de 200 abrigos e rochas ao ar livre com grafismos rupestres, mais de 700 blocos decorados provenientes de 81 estruturas edificadas e, mais de 2000 placas gravadas provenientes de diferentes escavações (Figueiredo *et al.*).

Relativamente a placas gravadas, a sua análise segue uma longa tradição nos estudos de arte paleolítica onde se conhecem dezenas de sítios na Europa com este tipo de materialidade. Por oposição, e como expusemos já no ponto anterior, no que concerne à Idade do Ferro, a compreensão que se tem desta realidade é limitada, sendo a sua ocorrência muito pouco conhecida.

Assim, não é de estranhar que a detecção da primeira placa gravada do Castelinho se tenha constituído como uma total surpresa. De facto, por esta ser uma realidade tão invulgar, antes da detecção desta primeira placa muitas outras lajes gravadas foram descartadas e arremessadas para as escombreyras, uma vez que não se tinha sequer consciência da possibilidade da sua existência. Também o facto das gravuras realizadas serem extremamente finas, e se encontrarem muito patinadas, não contribuiu para o seu reconhecimento inicial. Como alguns investigadores já assinalaram (Royo Guillén *et al.* 2006:88), acresce ainda o facto de algumas das lajes se encontrarem depositadas com a face gravada para baixo, o que dificulta ainda mais a sua detecção. De qualquer modo, após o reconhecimento desta realidade, a equipa de arte rupestre participou nos trabalhos de escavação, estabelecendo as suas próprias metodologias de campo e de gabinete. Paralelamente, realizou ainda trabalhos nas escombreyras, tendo aí detetado 128 placas decoradas.

Relativamente aos trabalhos de campo, e procurando não pormenorizar demasiado os procedimentos, podemos referir que todas as placas de xisto da escavação foram observadas por elementos da equipa de arte rupestre. Assim, as placas foram alvo de uma lavagem prévia em campo, com recurso a pinceis de cerda grossa e fina de forma a não danificar as superfícies. Uma vez confirmada a presença de gravuras, o local de proveniência da placa era georreferenciado com recurso a uma Estação Total, sendo ainda fotografado. Por fim era preenchida uma ficha com os dados relativos à sua contextualização na escavação.

No que concerne a trabalho de gabinete, todas as placas foram registadas gráfica e fotograficamente. Como já referimos noutros trabalhos (Silva e Figueiredo), no estudo da arte rupestre do vale do Sabor, dadas as diversidades nos suportes e nas cronologias, houve a necessidade de criar uma metodologia geral comum, que conseguisse enquadrar e descrever todos os grafismos rupestres identificados no pouco tempo de que dispúnhamos. Assim, foram por nós discriminadas três unidades de análise para os grafismos rupestres do vale do Sabor, representados pelos três seguintes conceitos: Motivo, Suporte, Contexto. Concretamente para as placas do Castelinho, e para cada um destes conceitos, foram definidas uma série de variáveis.

Relativamente aos motivos, as variáveis consideradas foram se se tratavam de conjuntos figurativos ou unidades figurativas; a que grupo de motivos pertenciam (geométricos, abstratos, figurativos, alfabéticos, etc.) e, dentro do grupo, a que tipo e subtipo; associações entre motivos; fases de gravação; técnicas e variações técnicas; patina; estado de conservação; dimensões; localização no painel; visibilidade; e, uma primeira proposta cronológica.

No que concerne os suportes, os descritores tidos em conta foram: a matéria prima (xisto, granito, etc.); o tipo de suporte (placa, seixo, etc.); a forma do suporte (alongada, triangular, etc.); o aspeto da superfície (polida ou em estado bruto); as características principais do suporte (como a presença de veios de quartzo, entre outros); se a placa se encontrava completa ou fraturada; se apresentava ou não sinais de termo alteração; as dimensões; o estado de conservação; o número de faces gravadas; e, finalmente, se remontava ou não com outras placas.

Por fim, relativamente ao contexto, foi registado o Sector, o Quadrado, a Unidade Estratigráfica, a Latitude, a Longitude e a Altitude do achado, bem como a sua proveniência no sítio do Castelinho (escavação, superfície, escombreira).

As placas decoradas no contexto da escavação

De forma a melhor organizar os trabalhos e as equipas, durante as escavações arqueológicas do Castelinho, optou-se por dividir a área a intervir em três parcelas distintas que seguiram a divisão geográfica do sítio, consubstanciada em Norte, Centro e Sul. A cada uma destas áreas correspondiam dois sectores, sendo que a área Sul enquadrava os sectores I e II, a área Centro os sectores III e IV e, a área Norte, os sectores V e VI.

Antes de prosseguirmos neste ponto, e no que se refere à distribuição

das placas gravadas pelo sítio arqueológico do Castelinho, devemos começar por referir o que foi já mencionado noutras publicações relativamente à posição secundária das placas gravadas no contexto arqueológico onde se encontravam (Santos *et al.* 2012). De facto, a posição da maioria das placas identificadas no Castelinho, e de acordo com a correlação inicial realizada com as UE's, sugere que estas se encontravam em contextos secundários, como níveis de abandono nos Fossos, corredores de circulação e, em derrubes e muros de estruturas monumentalizadas. Há ainda a assinalar o facto de algumas peças terem sido recolhidas em níveis superficiais, resultado da atividade agrícola recente registada no local, e, por fim, as já mencionadas peças recolhidas das escombrelas da escavação. Por estes motivos, compreender a posição ou a utilização original das placas torna-se um exercício extremamente difícil, ainda que tenhamos a intenção de o realizar em estudos futuros que nos aproximem mais desta questão. Independentemente dos assuntos que acabamos de levantar, verificamos que as áreas que concentravam um maior número de placas gravadas se materializavam nas estruturas de fosso e nas estruturas de acesso ao interior do recinto muralhado, localizadas nas zonas Norte e Sul (Fig. 4).

Podemos afirmar que foi na área Norte, ou plataforma Norte, que encontramos o maior conjunto de placas com gravações, integradas nas várias estruturas defensivas e também identificadas à superfície, estando

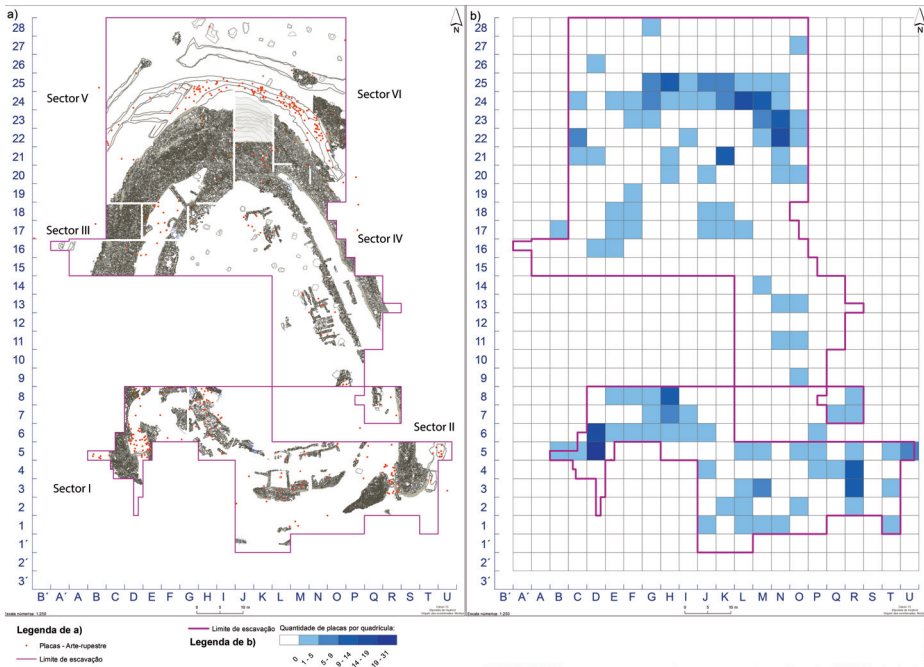


FIG. 4. Dispersão das placas móveis gravadas no sítio do Castelinho.

contabilizadas um total de 180 placas gravadas. Estas estruturas defensivas, algumas postas a descoberto aquando da intervenção arqueológica, como é o caso dos fossos, e outras já visíveis à superfície, como as muralhas, são o testemunho dos enormes esforços aplicados para proteger a vertente mais suave e permissível do Castelinho. A reformulação constante destas estruturas, teve com certeza influência na disposição final das placas.

Relativamente à área do Centro, esta encontrava-se associada ao interior do recinto amuralhado e a espaços de circulação, onde ganham especial destaque os corredores Este e Oeste, bem como a estruturas de organização interna e de armazenamento. Apesar de ter sido neste recinto que se descobriu a primeira placa gravada do Castelinho, os trabalhos subsequentes revelaram ser esta a área mais pobre no que concerne este tipo de materialidades. De facto, nesta área foram identificadas e registadas apenas 36 placas, o que corresponde a 6,9% do total de placas exumadas do Castelinho. Tal como no caso anterior, também aqui foi possível verificar uma descontextualização geral das placas gravadas, encontrando-se estas associadas a reaproveitamentos em estruturas das últimas fases de ocupação do sítio, já dentro da fase da romanização, não permitindo perceber as suas proveniências e/ou funcionalidades iniciais.

Por fim, na área Sul, registou-se um número total de placas semelhante ao verificado na área Norte, desta feita com o registo total de 177 placas gravadas. As placas distribuíam-se de uma forma equilibrada pelos dois sectores, 98 no sector I e 79 no sector II, sendo que das 177 placas gravadas detectadas nesta área, mais de metade se concentravam perto de duas portas de acesso ao interior do sistema defensivo, sudoeste e sudeste, bem como em várias estruturas de armazenamento.

As restantes 128 placas foram identificadas em áreas de escombreira, resultantes de terras provenientes da escavação, de uma fase anterior à identificação da primeira placa gravada.

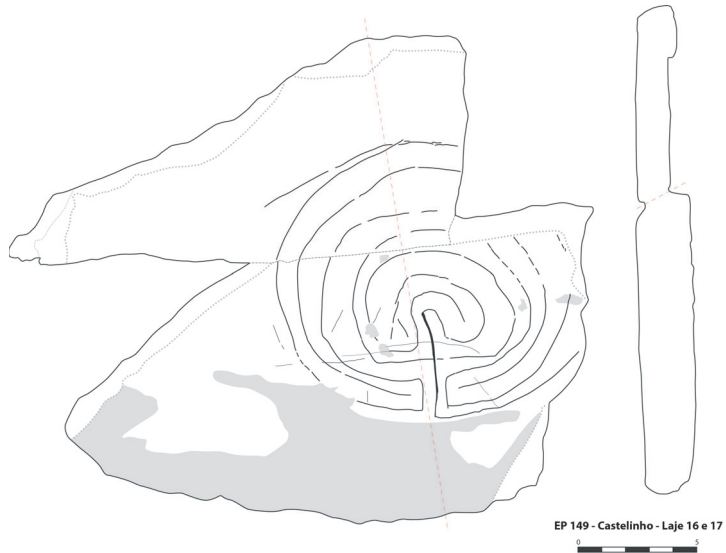
Os temas representados e os motivos figurativos

O acervo que aqui tratamos é composto por 521 placas gravadas, todas elas em xisto, localizadas, como acabamos de ver, um pouco por toda a área intervencionada e em diferentes estruturas.

Mais de 99% das placas se encontram fraturadas, sendo que foi possível efetuar 7 remontagens de 15 placas. Foram assim realizadas 6 remontagens de 2 placas e, apenas 1 com 3 placas (Fig. 5- exemplo de remontagem das placas 16 e 17 formando a representação de um labirinto). Por conseguinte, para as dimensões médias apresentadas para as placas, deve ter-se em consideração que se tratam de exemplares fraturados e não completos. Não obstante, podemos referir que as placas apresentam dimensões médias de 33 cm de comprimento, 16 cm de largura e 3 cm de espessura. Das 521 placas exumadas, apenas 30 se encontram gravadas em ambas as faces.

Nas 521 placas gravadas do Castelinho foram individualizados e devidamente catalogados 1420 motivos, onde se verificaram diferentes temáticas e técnicas de gravação. No que respeita aos temas representados, foram registados cinco grupos que compreendem motivos figurativos, motivos

FIG. 5. Desenho das placas 16+17 do Castelhinho onde figura um labirinto.



geométricos, motivos abstratos, motivos indeterminados e conjuntos alfabéticos ou epigráficos. Deste rol de motivos, o grupo mais representado é o de Geométricos, com 41% do total, seguido do grupo dos Abstratos, com 30%. Com pouco menos percentagem que o grupo anterior temos o grupo dos temas Figurativos, que representam 24, % da coleção. Por fim, ao grupo dos Indeterminados corresponde uma pequena percentagem de 4,5% e, ainda apresentando uma representatividade menor, surge o grupo dos Alfabéticos, com 0,5%.

Neste trabalho daremos especial destaque ao grupo de motivos Figurativos, por se tratar, nesta primeira fase, do grupo mais simples de abordar e, dentro deste, os motivos Zoomorfos e Antropomorfos. Não obstante, dentro deste grupo, foi possível identificar nove tipos de representações: Antropomorfos, Armas, Cruciformes, Escadiformes, Esteliformes, Labirintos, Ramiformes, Zoomorfos e Outros. Seguindo uma ordem de importância numérica, a tipologia mais representada é a dos zoomorfos, à qual correspondem 80% das representações figurativas do Castelhinho.

Dentro dos motivos zoomorfos, as representações de cavalos são as mais abundantes, contando-se um total de 150 representações. Estas figuras destacam-se em todos os conjuntos ibéricos da Idade do Ferro, remetendo-lhe um valor preponderante como símbolos gráficos e rituais da promoção económica, política e social das elites equestres (Royo 2006:125). Assim, em quase todas as placas do Castelhinho onde surgem representados zoomorfos, os cavalos marcam presença, estando representados com cavaleiros montados, de forma isolada ou ainda em manadas (Figs. 6, 7, 8 e 9)



FIG. 6. Fotografia da placa 336 do Castelhinho.



FIG. 7. Fotografia da placa 1 do Castelhinho.



FIG. 8. Desenho da placa 1 do Castelhinho.



FIG. 9. Desenho da placa 424 do Castelhinho.

Exceptuando a representação de quadrúpedes, tipologia criada para os casos onde a fragmentação dos motivos não nos permitiu uma classificação segura, com um total de 87 exemplares, a segunda espécie mais representada no grupo dos Zoomorfos é constituída pelos cervídeos. Ainda assim, se comparada com a representação de cavalos, o número de exemplares desta espécie é extremamente reduzida, apresentando um total de apenas 15 motivos. Estilisticamente, estes motivos surgem extremamente estilizados, e parecem integrar maioritariamente cenas de caça.

Com menos de 10 representações surgem os suínos, com 6 exemplares, as aves, com 5 figurações, os canídeos, com 4 exemplos e, por fim, 2 bovídeos.

Relativamente à representação dos suínos, estes tanto poderão corresponder a animais domésticos como a javalis. Ainda que numa interpretação precoce, podemos talvez classificar os exemplos da placa 336 (Fig. 6) como representações de suínos domésticos, ao contrário da representação da placa 1 (Figs. 7 e 8), onde não temos dúvidas de se tratar da figuração de um javali. Na circunstância de se confirmar estarmos perante a representação de animais domésticos na placa 336, esta será de facto uma representação original, tendo em conta serem raras as figurações de animais de uso quotidiano. No que concerne os javalis, a sua representação é bastante mais comum. Na placa 1, vemos este animal representado em perfil, com detalhes como o focinho alongado, as presas e o pelo eriçado. A primeira interpretação apresentada para esta placa apresenta a cena como uma possível caça a este animal (Santos *et al.* 2011).

As aves surgem em 5 representações. Apesar do número ser reduzido, a sua carga simbólica parece ter sido desenvolvida na Idade do Ferro sendo que, por exemplo, muitas das figuras antropomorfas do vale do Côa sur-

gem representadas com cabeças de pássaro (Luís 2008). De acordo com Mata Parreño (ccord.), as aves indeterminadas são os únicos animais que superam a representação de cavalos nas pinturas sobre cerâmicas da Península Ibérica (Mata Parreño *et al.* 2014:36).

Ao contrário do caso anterior, as representações de canídeos não apresentam valores elevados na Península Ibérica. No entanto, quando estes motivos surgem figurados, ligam-se invariavelmente a figurações antropomorfas, que acompanham nas mais diversas situações como sejam caçadas ou outras cenas.

Por fim, os dois bovídeos surgem numa representação original onde, em pelo menos um dos casos, o animal parece ser montado por um antropomorfo. Tratam-se, à semelhança de todas as figurações deste animal, de representações de machos. Esta representação poderá ter alguma correlação com a evocações de mitos antigos relacionados com este animal presentes, por exemplo, no mundo antigo Grego.

Após esta breve análise dos motivos zoomorfos, o segundo motivo mais representado dentro do grupo dos temas Figurativos é o Antropomorfo. Com um número de figurações a rondar os 30 motivos, destacam-se os cavaleiros associados a equídeos e armas. No grupo das armas foram identificados exemplares de punhais, espadas, lanças e setas, tratando-se de iconografia perfeitamente enquadrada nas temáticas identificadas em painéis associados à Idade do Ferro. De facto, as armas representadas nas figurações antropomorfas do Castelinho, mostram objetos que seriam com certeza mais do que simples armas de guerra ou de caça, associando-se certamente a conteúdos simbólicos. Ainda relativamente à representação de antropomorfos, estas surgem preferencialmente associadas a equídeos, sendo que, nalguns casos, surgem representações interessantes onde as figuras humanas são retratadas de pé, sobre o dorso do cavalo, geralmente com os braços abertos, numa posição ousada, sendo tanto desafiante como interessante para nós procurar o seu significado (Fig. 6).

Conclusões

Apesar de breve, o artigo que agora se apresentou procurou fazer um primeiro balanço, ainda que superficial, da coleção de placas gravadas exumadas do sítio do Castelinho. Assim, longe de se apresentar um estudo exaustivo, tentamos apresentar os traços gerais que caracterizam esta coleção, quer ao nível dos temas representados, quer ao nível das características dos suportes, bem como, através de uma sucinta análise da sua distribuição no sítio arqueológico do Castelinho. Num futuro que se pretende próximo, cada um destes pontos será por nós devidamente desenvolvido, tendo ainda por base informações de outros estudos que se encontram ainda a desenvolver.

A título de exemplo podemos mencionar que é de todo interesse uma análise futura dos motivos, tendo em conta a fauna estudada do local, bem como as representações análogas por toda a Península Ibérica, seja em suportes pétreos (como gravuras rupestres ou peças escultóricas), cerâmicos ou metálicos. Também a distribuição das placas pelo sítio arqueológico e a sua inserção nas diferentes Unidades Estratigráficas deverá ser alvo de

um estudo mais aprofundado, sendo que, não excluímos a hipótese de estar perante gravuras de diferentes cronologias dentro da longa fase de ocupação do Castelinho. Uma vez que a maior parte da arte assinalada como proto-histórica é produzida entre o Bronze final e o fim do processo de romanização, que nesta região deverá corresponder ao século I ou mesmo II d.C., importa desenvolver as questões relacionadas com a cronologia das placas do Castelinho.

De facto, estudos relacionados com a ocupação Proto-histórica do interior Norte português encontram-se ainda pouco desenvolvidos, sendo que as escavações arqueológicas realizadas em locais com esta cronologia são extremamente parcas. Neste sentido, os diferentes estudos empreendidos no vale do Sabor e os seus resultados, irão certamente constituir-se como peças fundamentais na compreensão deste período humano. De igual modo, a coleção de placas gravadas do Castelinho, quer pela sua quantidade quer pela sua qualidade, representa uma novidade no registo arqueológico peninsular que, através das suas fantásticas imagens, irá começar a enriquecer extraordinariamente os discursos e as narrativas que construímos sobre as comunidades que as maneжaram.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a toda a equipa de Arte Rupestre do projeto do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, nas seguintes pessoas: Rodrigo Dias, António Dinis, Alvaro Cantero, Andreia Silva, Araceli Cristo Roper, Isabel Dominguez García, José Maciel, Gabriela Santos, Luís Carvalho, Luís Nobre e Pedro Xavier. Também agradecer ao fotógrafo Adriano Borges e à desenhadora Renata Moraes e aos técnicos de SIG deste projecto, João Monteiro e Ana Rita Ferreira. Todo este trabalho não poderia ter sido efectuado sem a equipa do Estudo Etno-Arqueológico de Cilhades, sob a responsabilidade de Filipe Santos, responsável pela intervenção arqueológica do sítio, à qual agradecemos todo o apoio e necessários esclarecimentos.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Francisco Manuel
1934 *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Emp. Guede, Porto.
- Baptista, António Martinho
1983 O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia* 8: 57–69.
- Beltrán Martínez, Antonio
1989 Digresiones sobre el arte esquemático de aspecto prehistorico y sus versiones medievales y modernas: problemas de método. *Aragón en la Edad Media, Estudios de Economía y Sociedad* 8: 97–111.
- Calado, Manuel, Leonor Rocha, Ivo Santos, e Alexandra Pimenta
2008 Rock art in context: Late bronze age motifs in Monsaraz. In *III Taller Internacional de Arte Rupestre*, pp. 119–136.

- Coelho, Sílvia, Pedro Xavier, Dário Neves, Rodrigo Dias, Luís Carvalho, Renata Morais, e Sofia Soares de Figueiredo
2012 A Rocha do Pitogaio (Ferradosa, Alfândega da Fé): imagens rupestres Modernas e Contemporâneas e as suas possibilidades de estudo. En *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011 Vol.I*, edited by João Cascalheira and Célia Gonçalves, pp. 183–189. Núcleo de Arqueologia e Paleocologia e Departamento de Artes e Humanidades Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Faro.
- Cosme, Susana
2008 Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. En *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006)*, Vol. 03 – Proto-história e Romanização. *Guerreiros e colonizadores*, pp. 72–80. ACDR de Freixo de Numão, Porto.
- Cunha, Ana Leite
1991 Estação de arte rupestre de Molelinhos: Notícia preliminar. En *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*, pp. 253–265. Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Figueiredo, Sofia Soares de
2008 As gravuras rupestres do concelho de macedo de cavaleiros. En *Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional: Do Paleolítico à Contemporaneidade*, edited by Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 151–167. Porto.
2011 *Relatório Final (Levantamento de Arte Rupestre): EP 504 – Vale de Figueira Rocha 12*.
- Figueiredo, Sofia Soares de, Pedro Xavier, Dário Neves, Rodrigo Dias, e Sílvia Coelho
2012 As teorias da arte no estudo da arte rupestre: limites e possibilidades. En *Trabalhos de Arqueologia, 54, 1ª Mesa-Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*, edited by Maria de Jesus Sanches, pp. 81–93. Direção Geral do Património Cultural, Lisboa.
- Figueiredo, Sofia Soares de, Pedro Xavier, Luís Nobre, Isabel Domínguez García, Dário Neves, e José Maciel
Illustrating Sabor's Valley (Trás-os-Montes, Portugal): rock art and its long-term diachrony since Upper Palaeolithic till the Iron Age. In *XVII World UISPP Congress Proceedings- BAR International Series*.
- Lemos, Francisco de Sande
1993 Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental. Universidade do Minho.
- Luís, Luís
2008 Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da proto-história no Vale do Côa. In *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa: actas*, edited by Rodrigo de Balbín Behrmann, pp. 415–438. Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.
2009 'Per petras et per signos': A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. En *Lusitanos y vettones: Los*

- pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo*, 9: pp. 213–240. Junta de Extremadura/Museo de Cáceres, Cáceres.
- 2010 A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do vale do Côa. En *Espaços e Paisagens Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Vol. 3, *História, Arqueologia e Arte*, pp. 53–67. Coimbra.
- Mata Parreño, Consuelo, Helena Bonet Rosado, Eva Collado Mataix, Mercedes Fuentes Alberio, Isabel Izquierdo Peraile, Ricard Marlasca Martín, Andrea Moreno Martín, Josep Pascual Benito, Fernando Quesada Sanz, David Quixal Santos, Pere Pau Ripollès Alegria, Alfred Sanchis Serra, Lucía Soria Combadiéra, y Carmen Tormo Cuñat
- 2014 *Fauna Ibérica, De lo real a lo imaginario (II)*. Editado por Consuelo Mata Parreño. Servicio de Investigación Prehistórica del Museo de Prehistoria de Valencia, Serie de Trabajos Varios, Núm. 117, Diputación de Valencia.
- Meijide Camaselle, G., Xosé Ignacio Vilaseco Vázquez, and J. Blaszczyk
- 2009 Lousas decoradas com círculos, cabalos e peixes do Castro de Formigueiros (Samós, Lugo). *Gallaecia* 28: 113–130.
- Reis, Mário
- 2011 Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. En *Actas do V Congresso de Arqueologia - Interior Norte e Centro de Portugal*, edited by Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alexandra Cerveira Lima, and André Tomás Santos, pp. 11–123. Caleidoscópio, Direcção Regional de Cultura do Norte, Porto.
- 2012 ‘Mil Rochas e Tal...!’: Inventário dos Sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa. *Portugália XXXIII* (Separata).
- Royo Guillén, José Ignacio
- 1994 Estelas y Cipos Funerarios en La Necrópolis Tumular de los Castellets de Mequinenza (Zaragoza, España). En *V Congreso Internacional de Estelas Funerarias*, edited by Carlos de la Casa, pp. 117–134. Soria.
- 2006 Chevaux et scènes équestres dans l’art rupestre de l’âge du Fer de la Péninsule ibérique. *Anthropozoologica* 41(2):125–139.
- 2009 El arte rupestre de la Edad del Hierro en la Península Ibérica y su problemática: aproximación a sus tipos, contexto cronológico y significación. *SALDVIE* 9:37–69.
- Royo Guillén, José Ignacio, Fabiola Gómez Lecumberri, y José Antonio Benavente Serrano
- 2006 La Estela Grabada de la Edad del Hierro de Torre Cremada. *Ál-Qannis* 11 (Iberos del Matarraña. Investigaciones arqueológicas en Valldeltormo, Calaceite, Cretas y La fresneda (Truel)):88–105.
- Santos, Filipe João Carvalho, e Lois Ladra
- 2011 A cabeça antropomorfa do Castelhinho. Um novo elemento de plástica antiga em Trás-os-Montes. En *Os celtas na Europa Atlântica, III Congresso Internacional sobre a cultura Celta*.
- Santos, Filipe, José Sastre, Sofia Soares de Figueiredo, Fábio Rocha, Eulália Pinheiro, e Rodrigo Dias
- 2012 El sitio fortificado del Castelhinho (Felgar , Torre de Moncorvo , Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. *Complutum* 23(1):165–179.

Santos, João Filipe Carvalho, Fábio Rocha, e Eulália Pinheiro

2011 O sítio e a Laje 1 do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental. En *II Mesa Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História*.

Sastre, José

2014 Da Idade do Ferro à Romanização da área de Crestelos. En *Actas do I Encontro de Arqueologia do Mogadouro*, pp. 79–94. Câmara Municipal do Mogadouro, Mogadouro.

Silva, Andreia, e Sofia Soares de Figueiredo

O estudo de gravuras rupestres em blocos de edificadros: o exemplo de Cilhades (Trás-os-Montes, Portugal). En *Congresso Internacional da IFRAO 2015*, Cáceres, Espanha. IFRAO.